



SUJEITO E PODER EM A MULHER QUE ESCREVEU A BÍBLIA

Natanaele Nogueira Gomes
Marcele Cabral do Nascimento Cavalcante
Prof. Dr^a Aldinida de Medeiros Souza

GIELLus¹ / Universidade Estadual da Paraíba – aldinidamedeiros@gmail.com

A pesquisa que ora apresentamos é um estudo no qual analisamos o romance *A mulher que escreveu a bíblia*, de Moacyr Scliar, publicado em 1999. O objetivo desse trabalho é analisar a representação feminina na protagonista, denominada a feia. Trata-se de um romance curto, de linguagem fácil e dotado de grande ironia, o que o torna atraente para leitores da faixa etária juvenil. A partir disso, compreendemos que é um romance pertinente para o trabalho em sala de aula e acreditamos que é necessário observar, nas representações literárias, em específico a romanesca, o que se pode questionar sobre o lugar da mulher na sociedade e na cultura. Utilizamos para este fim principalmente leituras vinculadas aos Estudos de Gênero, como Simone de Beauvoir (1970), *O segundo Sexo* e as contribuições de Michel Foucault (1995), sobre o sujeito e o poder. Considerando os avanços dos estudos de gênero desde o século XX até então, que, por sua vez, ocasionara uma demanda considerável da representatividade feminina em obras literárias e principalmente no romance, procuramos discutir e interpretar este tema à luz do pensamento de Foucault, para compreendermos que é necessário discutir as várias formas de poder que implicam em sujeição do feminino. Sobre estratégia de leitura e motivação do leitor, trabalharemos com Rildo Cosson (2006).

Palavras-chaves: romance; representação feminina; protagonista; letramento literário.

INTRODUÇÃO

Na contemporaneidade, as condições que definem o ensino de literatura, nas escolas de educação básica, principalmente, são refletidas em uma forma de déficit na formação de leitores profícuos e que sigam, na vida escolar, com uma prática constante na leitura de textos literários. Com isto, não se quer dizer que a escola, de um modo geral, não forme leitores. Ainda que aquém do esperado, forma-os, todavia, a partir da faixa etária do 12, 13 e 14 anos os jovens passam a se interessar cada vez menos por literatura.

Em parte, sabemos que isso ocorre devido a um tipo de currículo e prática escolar que resumem o texto apenas a uma via para ensino e aprendizagem de linguagem – e, de certo modo, até resumindo-o somente para finalidades de ensino de gramática normativa –, não se levando o texto ao aluno como uma fonte reveladora dos aspectos de humanização, de reflexão crítica sobre o mundo e as sociedades e, também, uma fonte de prazer pela própria



¹ Grupo Interdisciplinar de Estudos Literários Lusófonos (CNPq / UEPB).



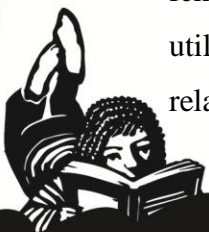
VII ENLIJE

fruição das infinitudes poéticas que um texto possa apresentar. Visto por estes aspectos, o texto literário deveria suscitar um mundo de significações para o leitor, interligando-o ao seu contexto e múltiplas possibilidades de intertextos. Contudo, sabemos que grande parte das escolas não trata assim a formação literária dos alunos.

Portanto, em função destes aspectos, procuramos estratégias de levar aos leitores da faixa etária considerada juvenil uma formação literária que os faça não apenas “passar” pelo texto literário, mas mergulhar nele e vê-lo em toda sua profundidade e amplitude, sobremaneira na construção de sentidos e reflexões críticas a partir destes. Com base nisso, escolhemos para análise o romance *A mulher que escreve a Bíblia*, de Moacyr Scliar, publicado em 1999, de modo a proporcionar uma leitura que seja, de fato, um contributo para a formação literária dos alunos. Trabalhando o letramento literário, interessa-nos mostrar como o romance é pertinente enquanto instrumento para se questionar as representações literárias, sobretudo a feminina, em aspecto de subserviência e ruptura com o regime patriarcal, detentor de práticas falocêntricas e machistas e as problemáticas sociais, através da personagem protagonista; com isso, possibilitamos uma reflexão sobre o lugar de submissão que a mulher enfrentou – isso pelo fato de Scliar (1999) ter recriado uma figura feminina do século X a.C – e como essa condição se ainda existe, de diversificadas formas nos dias atuais.

Apontaremos nessa obra aspectos observados que possam ser utilizados como mecanismo de desenvolvimento do hábito de leitura, no tocante a ficção, podendo relacionar com situações recorrentes do mundo real. Citamos as relações de poder estabelecidas pelo sistema patriarcal na sociedade entre outras temáticas encontradas na narrativa. Esta pesquisa poderá ser uma significativa contribuição para a comunidade acadêmica tendo como perspectiva rever as condições do processo de letramento literário tal como o desenvolvimento crítico sobre a condição da feminina.

Este trabalho fundamenta-se à luz do que postula Rildo Cosson (2006) para a comprovação da importância da literatura na escola e a correta abordagem dessas leituras, em uma sistematização que favorece ao letramento literário; também os postulados da feminista Simone de Beauvoir (1970), os quais questionam a condição da mulher nas sociedades machistas e patriarcais, o lugar dessa classe na exclusão social, e o quanto o poder, advindo de séculos de patriarcalismo e machismo, corrobora para a esta exclusão que envolve o gênero feminino, bem como outras minorias. No que tange à questões e condições de poder, utilizaremos como embasamento teórico o pensamento filosófico de Foucault (1995) e sua relação com os estudos de gênero.





Este artigo está dividido em duas sessões: A primeira engloba aspectos do letramento literário e sua função na formação do leitor, à luz de Cosson (2006) e a segunda subdivide-se contemplando a vida do autor e sua obra e a análise acerca do romance com o intuito de comprovar o tema abordado.

LETRAMENTO LITERÁRIO: O PAPEL DA ESCOLA NA FORMAÇÃO DO LEITOR

O letramento literário é, em resumo, uma prática de leitura que, fundamentalmente, ajude a formar e consolidar o leitor como um ser pensante em proporções críticas e reflexivas. Pode ser também entendido como uma prática social que se apropria da escrita literária como forma de buscar conhecimentos pessoais e de mundo, pois é através do contato com o texto que o leitor se familiariza com os fatos ocorridos na narrativa e traz para si a experiência da leitura relacionando com sua própria realidade. Segundo Cosson (2006) “A experiência literária não só nos permite saber da vida por meio da experiência do outro, como também vivenciar essa experiência”.

A concepção para letramento literário pode levar em consideração obras que foram consideradas cânones da literatura, sobretudo por carregarem uma herança cultural, pois estas leituras trazem um conhecimento amplo sobre estéticas e estilos provenientes da historiografia literária, apesar de muitas vezes virem carregadas de preconceitos. As temáticas inseridas em algumas obras abrem possibilidades para amplas discussões sobre preconceitos vivenciados por classes que não tiveram vez e/ou voz na sociedade. É através da literatura que o leitor toma conhecimento do quanto essas classes desmerecidas sofreram e lutaram por seu espaço social. Nesse sentido Cosson (2006) afirma:

Dessa maneira, têm razão os que afirmam que não se pode pensar em letramento literário abandonando-se o cânone, pois este traz preconceitos sim, mas também guarda parte de nossa identidade cultural e não há maneira de se atingir a maturidade do leitor sem dialogar com essa herança, seja para recusá-la, seja para reformá-la, seja para ampliá-la. (COSSON, 2006, p. 33 e 34).

Entendemos que algumas obras, apesar de ter uma bagagem preconceituosa na opinião de alguns críticos literários, não deixam de cooperar para a formação do leitor, levantando assim portas para discussões pertinentes para que venhamos entender a formação de toda uma sociedade e suas estruturas.





VII ENLIJE

Porém é importante ressaltar que a seleção de textos não se restrinja somente a essas leituras, toda prática de leitura que envolva a escrita literária e a ficção como forma de mostra a realidade é uma forma de letramento literário. A literatura é diversificada e dinâmica possibilitando ao leitor a viajar pelo passado descobrindo uma rica herança cultural, e ainda compõem o presente com uma literatura moderna sem perder a essência literária:

Aceitar a existência do cânone como herança cultural que precisa ser trabalhado não implica prende-se ao passado em uma atitude sacralizada das obras literárias. Assim como a adoção de obras contemporâneas não pode levar à perda da historicidade da língua e da cultura. É por isso que ao lado do princípio positivo da atualidade das obras é preciso entender a literatura para além de um conjunto de obras valorizadas como capital cultural de um país. A literatura deveria ser vista como um sistema composto de outros sistemas. Um desses sistemas corresponde ao cânone, mas há vários outros, e a relação entre eles é dinâmica, ou seja, há uma interferência permanente entre os diversos sistemas (COSSON, 2006, p. 34).

Não podemos deixar de contemplar nas aulas de literatura obras que fazem parte do cânone literário, mas como afirma o teórico, isso não implica dizer que não podemos abrir espaço para a literatura contemporânea.

A escola que conduz suas práticas dessa maneira tende a desempenhar o papel de guia para a leitura de textos literários bem diversificados, que aborde tanto obras antigas como modernas em que os principais objetivos a formação de leitores experientes, críticos e com conhecimentos e experiências a serem compartilhadas.

Precisamos que a literatura ocupe um lugar especial na escola. Cosson (2006, p. 23) afirma que “[...] o letramento literário é uma prática social e, como tal, responsabilidade da escola”. Devemos levar em consideração que muitas vezes o aluno chega à escola com uma bagagem de leituras literárias adquirida por mérito próprio, e que tem um interesse de conhecer e ler vários livros.

É interessante que de alguma forma a experiência de leitura desse jovem leitor seja aproveitada e compartilhada com os demais alunos. No entanto é uma realidade percebida em uma pequena porcentagem dos educandos, levando em consideração a ineficácia de algumas políticas educacionais que contribuem para falta de letramento literário, pois o papel de guia para esse letramento é da escola.

Existe uma contrariedade no que seriam as atividades de leitura, muitos professores, juntos com sua equipe pedagógica trazem a leitura como fonte apenas de comprovar e melhorar a oralidade e escrita do seu aluno, perdendo assim a essência da leitura como fonte de conhecimento e prazer:





VII ENLIJE

Não é possível aceitar que a simples atividade da leitura seja considerada a atividade escolar de leitura literária. Na verdade, apenas ler é a face mais visível da resistência ao processo de letramento literário na escola. Por trás dele encontramos pressuposições sobre a leitura e literatura que, por pertencerem ao senso comum, não são sequer verbalizadas. Daí a pergunta honesta e o estranhamento quando se coloca a necessidade de se ir além da simples leitura do texto quando se deseja promover o letramento literário (COSSON, 2006, p. 26).

O aluno precisar conceber uma leitura prazerosa, as obras precisam despertar no leitor caminhos que os levem para questionamentos sociais ou aprovações deste. O professor em conjunto com sua coordenação pedagógica que fará a escolha dessas obras visando alcançar esses objetivos: o gosto pela leitura, que perpassa através do imaginário, a consciência narrativa e, sobretudo, a formação do jovem leitor.

O ROMANCE COMO GÊNERO NA PRÁTICA DE LETRAMENTO LITERÁRIO

O autor desse romance aqui analisado é Moacyr Jaime Scliar, que nasceu em Porto Alegre, no ano de 1937, é filho de imigrantes da Rússia que traziam a tradição judaica como cultura. Isso explica esta temática em alguns de seus livros, que no conjunto são mais de 80 publicados. Desde sua infância, adquiriu o gosto pela literatura e a escrita, herdou essa aptidão da sua mãe, que era professora. Segundo ele, quando já estava alfabetizado passou a escrever sobre suas próprias aventuras de infância. Trouxe como temática em suas obras a medicina, o socialismo, a imigração judaica, a condição da humanidade, dentre outras também importantes. Sempre falava sobre esses temas através de um tom crítico e irônico.

No romance *A mulher que escreveu a Bíblia*, encontra-se, nas páginas iniciais, um resumo da vida de um terapeuta. Este narra como conheceu uma de suas pacientes, a qual nas sessões de terapia descobriu ter sido uma das setecentas esposas do rei Salomão. Ao término do tratamento a moça deixou por escrito a história completa de uma de suas vidas passadas, em que viveu naquele famoso harém. Entretanto, a história é invulgar, pois esta esposa tinha algo que a diferenciava das outras: sabia ler e escrever, uma habilidade que no decorrer dos acontecimentos lhe traria alguns prestígios e também dissabores.

A trama é desenvolvida entre a paixão da personagem pelo soberano, a missão importante a qual foi designada, o preconceito que sofria por ser feia e mulher e, por fim, a descoberta de que o seu sentimento pelo rei era só uma paixão passageira, como um deslumbramento, um encantamento por sua beleza. Por se tratar de um romance com alta dose





VII ENLIJE

de ironia e humor, acreditamos que este romance possui conteúdo atrativo para o desenvolvimento da leitura por meio da prática de letramento literário com o público juvenil, embora a obra não esteja classificada para este público em específico.

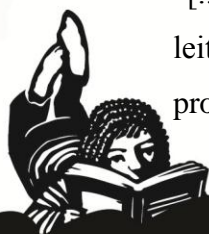
A literatura infantil e juvenil possibilita ao jovem leitor a explanação de entendimento sobre o mundo, isso ocorre perante as funções do imaginário coletivo comum a humanidade. Esses padrões da existência humana é o que Carl Gustav Jung chamaria de “arquétipos”, um processo de associação de imagens e simbologias, de padrões, o que possibilitaria dentro do letramento literário as diferentes associações entre a literatura, às imagens produzidas através da ficção e o mundo real.

O romance *A mulher que escreveu a bíblia* (1999) possui aspecto do arquétipo feminino, sobretudo se mirarmos as questões relevantes da personagem protagonista que apesar de viver a mercê do jugo do patriarcado é uma mulher parcialmente emancipada, porque era a única que sabia ler e escrever e além de tudo é considerada feia o que difere dos padrões sociais em que a figura feminina está sempre associada ao belo e ao símbolo de fragilidade. Isso denota que o autor, ao escrever a obra, reproduziu a simbologia da figura feminina, mas levanta as questões de como é concebida a visão do gênero feminino pela sociedade. Segundo Colomer (2017) apud Todorov (2007),

Mediante o uso evocado das palavras, recorrendo a histórias, aos exemplos, aos casos particulares, a obra literária produz um temor de sentido põe em movimento nosso aparato de interpretação simbólica, desperta nossas capacidades de associação e provoca um movimento de ondas de choque que se prolongam muito tempo depois do contato inicial (COLOMER, 2017, p. 21 apud TODOROV, 2007, p. 80).

Desse modo, o texto literário contribui para o desenvolvimento de pensamento racional do aluno em confrontar a sua realidade, a partir da leitura do romance que desenvolve esse tipo de temática capaz de levantar questionamentos sobre como a condição feminina ocorre nos dias atuais visto que a literatura, em sua função social, possibilita ver além do que está posto.

A literatura é um meio de grande relevância para o crescimento crítico social da humanidade. A literatura enquanto arte e potencial estético trás uma visão empírica dos escritores sobre diversos fatores e problemáticas sociais. Cosson (2006, p. 23) afirma que “[...] mais que um conhecimento literário, a literatura pode trazer ao aluno uma experiência de leitura a ser compartilhada”. Portanto, lembramos que a experiência que a leitura vai proporcionar ao leitor é imensurável, desde o processo de desenvolvimento do imaginário até





VII ENLIJE

o conflito como mundo real, o possibilita a explanação de conhecimentos que ele vai adquirir através da literatura em que cabe a ele guardar para si ou compartilhar com outros, instigando outras pessoas a terem esse contato.

Ao trazermos o romance como opção para o processo de letramento literário e implicações de conhecimento do aluno, destacamos que na leitura, este vai descobrir dentro do universo ficcional fatos que vão desencadear possibilidades de questionamentos que despertarão a busca de um conhecimento amplo e futuras pesquisas sobre o que ficou implícito na narrativa. Além disso, é notório que no gênero romanescos percebermos que os personagens exercem um importante papel na narrativa, são eles que instigam o leitor a conhecer a trama e o desfecho dela, assim esses vivenciam os fatos narrados transportando-se para o espaço da narrativa em que estes e representam seres reais no mundo ficcional.

É preciso pensarmos que a literatura possibilita-nos levar aos alunos reflexões no diversos âmbitos: social, político, econômico, religioso e cultura. Se a escola se detiver a um tipo de pedagogia que valorize apenas os conteúdos, o alunado habitua-se à recepção conteudística passiva, não reflete, não desenvolve potencia crítico e reflexivo. Isto irá refletir numa carência de questionamentos e de dificuldade de enxergar e compreender sua própria realidade, sua condição social, seu lugar no mundo como sujeito de ações dentro de uma determinada coletividade.

DISCUTIR SUJEITO E PODERES OPRESSORES A PARTIR DO LETRAMENTO LITERÁRIO VIA ROMANCE

Na obra analisada, Scliar recria nos personagens características típicas de uma cultura antiga, como: reis, rainhas, chefes tribais. Representa, ainda, uma figura bíblica, o rei Salomão, mas destacamos que, o escritor ao retratá-lo no plano fictício não o utiliza como personagem referencial o que difere da personalidade histórica que este soberano foi.

O destaque apresenta-se na representação feminina que o autor traz na protagonista, no período do patriarcado (época em que se desenrola a trama), o espaço social que as mulheres ocupavam era bastante restrito, as leis eram regidas por homens e as mulheres eram submissas a essas leis. Para elucidar essa questão, vejamos o que a Beauvoir (1970) discorre acerca das características desse tipo de família:

É o aparecimento da família patriarcal baseada na propriedade privada. Nessa família a mulher é oprimida. O homem, reinando soberanamente, permite-se, entre outros, o capricho sexual: dorme com escravas ou hetaira (BEAUVOIR, 1970, p. 75).

(83) 3322.3222
contato@enlije.com.br
www.enlije.com.br





VII ENLIJE

Percebemos na protagonista uns dos primeiros aspectos que poderia trazer um olhar crítico do jovem leitor sobre a questão da condição social feminina nesse período patriarcal, sendo a personagem uma representação do universo real, percebemos traços dessa crítica subtendida deixada pelo escritor.

Em uma das partes do escrito há um diálogo da protagonista com si mesma, criticando as regras repassadas pelas tradições culturais que o pai ditava para ela e sua família, mas as atitudes do patriarca não condiziam com sua postura de liderança, tratava as filhas e a esposa como propriedade, cometia adultério e não era um comerciante correto, segundo ela.

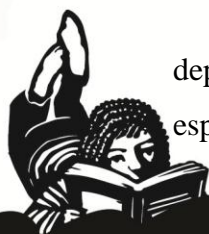
Isso é coisa dos demônios, dizia, por trás de cada espelho está o Mal, pronto a usar a vaidade para atrair as pessoas ao pecado. Não que ele fosse exemplo de moral; era um mulherengo conhecido, desses que não respeitam nem a mulher do próximo. Além disso, andara metido em negócios escusos – parte de seu rebanho era, para usar um eufemismo, de procedência duvidosa. Nada disso o impedia de posar como guardião da moralidade. Exigia da tribo, e da família em particular, um comportamento irrepreensível. Não tolerava a menor manifestação de vaidade nas filhas. (SCLIAR, 2007, p.16).

Falando sobre o homem ter todos os direitos sobre a mulher, relembramos aqui que nesse período que é retratada a história, o casamento era uma forma de extensão de poder entre a casa real e uma tribo. Como o pai da personagem era um chefe tribal, cedeu sua filha mais velha, a protagonista da trama, ao rei para consolidar uma aliança política. Ou seja, a mulher nesse sentido era um objeto de venda ou troca e quem tinha o poder sobre elas eram os homens.

Relembrando os estudos de Foucault sobre a questão do poder, vemos que os seres humanos exercem sobre o outro na sociedade, formas de poder que neutralizam o sujeito, sendo este subordinado a alguém:

Esta forma de poder aplica-se à vida cotidiana imediata que categoriza o indivíduo, marca-o por sua própria individualidade, liga-o à sua própria identidade, impõe-lhe uma lei de verdade, que devemos reconhecer e que os outros têm que reconhecer nele. É uma forma de poder que faz dos indivíduos sujeitos. Há dois significados para a palavra sujeito: sujeito a alguém pelo controle e dependência, e preso a sua própria identidade por uma consciência ou autor conhecimento. Ambos sugerem uma forma de poder que subjuga e torna sujeito a. (FOUCAULT, 1995 p. 235).

A personagem enfrentava o domínio dos poderes masculinos, primeiro de seu pai e depois este poder vai para as mãos do rei, ela deveria seguir regras referentes ao seu papel de esposa, ou seja, o poder continuava nas mãos de uma figura masculina em que



(83) 3322.3222

www.enlije.com.br

www.enlije.com.br



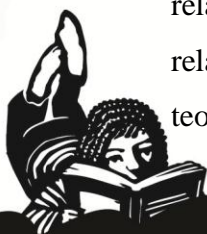
VII ENLIJE

feminino resume a condição de ser subordinada aos caprichos e vontade do soberano, pois o controle de sua vida estava nas mãos dele. Assim, “O sujeito é dividido no seu interior e em relação aos outros” (FOUCAULT, 1995, p. 231). Apesar de ter se envolvido bastante com a questão do poder, procurando entender essa relação entre poder e sujeito, este filósofo contemporâneo discute as formas de poder exercidas em sociedade, dando ênfase ao poder político, mencionando o fascismo e o stalinismo, dizendo que ambas são “doenças de poder”. Sugere ainda que, para entender o que são relações de poder, é preciso uma investigação sobre as formas de resistência e as tentativas de separar estas relações. E começa destacando algumas oposições ao poder, dos homens sobre as mulheres, dos pais sobre os filhos entre tantos outros. Em seguida, define o que essas lutas de oposições têm em comum, destacando que o objetivo é atacar uma técnica ou forma de poder.

A teoria foucaultiana cita pelo menos três tipos de lutas que o ser humano enfrenta que são: a luta contra a forma de dominação, de exploração e contra aquilo que liga o indivíduo a si mesmo e o submete. Ele destaca ainda que as lutas contra as formas de sujeição e contra a submissão da subjetividade, estão se tornando cada vez mais importantes. Lembra que já nos séculos XV e XVI ocorreram alguns movimentos que já poderiam ser analisados como uma objeção contra o poder exercido nas religiões sobre o sujeito. Também detalha a questão do poder exercido pela Igreja Protestante sobre o indivíduo, que leva o nome de “poder pastoral”, especificando o que mudou do modelo antigo para o do século XVIII:

E isto implica que o poder do tipo pastoral, que durante séculos por mais de um milênio, foi associado a uma instituição religiosa definida, ampliou-se subitamente por todo o corpo social; encontrou apoio numa multiplicidade de instituições. E, em vez de um poder pastoral e de um poder políticos, mais ou menos ligados um ao outro, mais ou menos rivais, havia uma tática individualizante que caracterizava uma série de poderes: da família, da medicina, da psiquiatria, da educação e dos empregadores. (FOUCAULT, 1995, p. 238)

A partir deste pensamento, um questionamento é levantado, sobre como se exerce esse poder. Foucault, em primeiro lugar, diz que precisamos diferenciar o poder que exercemos sobre as coisas, dando-nos a aptidão de modificá-las, utilizá-las, consumi-las ou destruí-las. Esse poder é o que traz relações entre indivíduos e coloca em jogo essas relações. O autor também ressalva que é necessário que haja uma diferenciação entre as relações de poder e relações de comunicação, isso porque a comunicação de um sujeito com o outro é uma relação, na qual ambos estão trocando informações usando a língua. Porém, dependendo do teor da conversa entre locutor e receptor pode ter o intuito ou uma consequência de efeito de





VII ENLIJE

poder. Sobre isto, faz o seguinte apontamento: “Passando ou não por sistemas de comunicação, as relações de poder têm sua especificidade” (FOUCAULT, 1995, p. 240).

Outro aspecto presente na obra é o preconceito social que a personagem sofre, por ser uma moça que estava fora dos padrões estéticos de beleza. No enredo a protagonista é denominada como *A feia*, ela já sofria preconceitos por sua condição feminina e ainda por ser feia;

Agora eu era a feia, e tudo em minha vida seria condicionado por essa feiúra. Homem algum gostaria de mim. Homem algum cantaria minha beleza em traços líricos. Minha vida amorosa seria tão árida enquanto o deserto que nos rodeava (SCLIAR, 2007, p. 24).

O aluno por carregar conhecimento sobre o que seria certo ou errado, logo seria cabível uma interpretação e reflexão do sofrimento dessa jovem por ser diferente de outras da sua época. Os questionamentos seriam guiados pelo professor, assim possibilitando comentários sobre discriminação por sua aparência, ou status hierárquicos fazendo com que haja o embate com questões mundo real. “Portanto, é papel do professor partir daquilo que o aluno já conhece para aquilo que ele desconhece, a fim de proporcionar o crescimento do leitor por meio da ampliação de seus horizontes de leitura” (COSSON, 2006, p 35).

A leitura traz um conhecimento amplo sobre o mundo, como já mencionado aqui, e o interessante nessa obra trazida como proposta para letramento literário é a presença de outro aspecto importante no enredo. A protagonista sofria preconceitos e discriminação por ser mulher e feia. Mas o que lhe trouxe destaque no espaço social do harém o fato dessa figura feminina ser a única mulher que sabia ler e escrever na sua época.

Ela tinha ciência do lugar que a classe feminina ocupava socialmente, mas por ter um conhecimento além dos limites permitidos, tinha pensamentos que ultrapassava sua comum e triste realidade, e foi esse conhecimento adquirido pela leitura que a fez não se conformar com o seu destino.

A explanação feita pelo professor, através da perspectiva de letramento literário, do romance *A mulher que escreveu a bíblia* possibilita a evolução das concepções de gênero e as lacunas sobre as discussões acerca da discriminação feminina, sendo este um instrumento de narrativa ficcional, capaz de conduzir o jovem leitor a voltar-se para realidade e confrontar aspectos de natureza discriminatória comum a sociedade moderna que ainda respira ares do patriarcal.



CONSIDERAÇÕES FINAIS



VII ENLIJE

A partir da disposição deste romance vemos a confirmação dos pressupostos teóricos de Cosson (2006) afirmando, que não importa quantos livros o aluno terá lido, e sim o que essas leituras trouxeram de conhecimento para eles. O aluno precisa ser instigado ao ato da leitura, este dando importância e sentido ao que está lendo encontrará um objetivo e assim descobrirá o quanto prazeroso é ler mesmo que dentro do ambiente escolar.

As metodologias para o trabalho de leitura nas escolas precisam ser bem elaboradas, não visando apenas resultados para avaliação de notas bimestrais ou o processo de leitura oral e a escrita na exigência da norma culta da língua portuguesa, é bem verdade que essas questões são importantes, porém essas leituras precisam também ganhar outros viés.

Ao trabalhar esse romance nas aulas de leituras, o aluno estará tendo a oportunidade de ampliar seu conhecimento sobre fatos que compõem uma parte da luta da classe feminina, como também outras problemáticas sociais citadas na análise. A leitura depende muito do interesse do leitor, pois ele que vai buscar entender o que está subentendido no texto, a tarefa do professor é observar se o aluno está conseguindo interpretar essas temáticas e abrir meios para que ele chegue a tais interpretações.

Concluimos, portanto que o romance concebe a importância do desenvolvimento do imaginário em confronto com a realidade o que possibilita ao educando o questionamento sobre as práticas sociais.

Através de Cosson (2006), Beauvoir (1970) e Foucault (1995) analisamos o romance *A mulher que escreveu a bíblia* (1999) como o instrumento de levantar aspectos de letramento literário, sendo uma fonte de conhecimento acerca de como literatura pode ser capaz de emergir a condição feminina através da personagem protagonista.

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone. O segundo sexo. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.

COLOMER, Teresa. Introdução à literatura infantil e juvenil atual. Tradução de Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2017.

FOUCAULT, M. O sujeito e o poder. In: Michel Foucault, uma trajetória filosófica. Para além do estruturalismo e da hermenêutica. Hubert Dreyfus, Paul Rabinow. Tradução de Vera Porto Carrero. RJ: Forense Universitária, 1995.

JUNG, Carl Gustav. Os arquétipos e o inconsciente coletivo. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

(51) 3223-2222
contato@enlije.com.br
www.enlije.com.br





VII ENLIJE

SCLIAR, Moacyr. A mulher que escreveu a Bíblia. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

COSSON, Rildo. Letramento literário: Teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2006.



(83) 3322.3222
contato@enlije.com.br
www.enlije.com.br